

RESISTIR À DESCONSTRUÇÃO DE PAULO FREIRE PARA FORTALECER A ESCOLA DEMOCRÁTICA - ALGUNS PONTOS PARA UMA REFLEXÃO CRÍTICA

GADOTTI, MOACIR

É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade - Nise da Silveira (1905-1999), médica psiquiatra brasileira.

O convite da Revista *UniFreire* para escrever sobre o tema *Educação, Democracia e Resistências*, para nós, educadores, não é apenas uma convocação. É um dever. Resistir é preciso!

Vivemos hoje tempos sombrios, tempos de Fake News que é sinônimo de desinformação, falsas notícias, visando desacreditar o adversário na lógica do inimigo. Elas ameaçam o bem viver das pessoas e a própria democracia.

Como combater essa onda?

Pela educação, pela educomunicação, pela conscientização. Combatemos Fake News pela verificação, pela responsabilização. Pelo direito de resposta.

Paradoxalmente, meios que supostamente foram criados para nos comunicar, para nos unir, como o FaceBook, o WhatsApp e outros, estão nos separando. Há mais comunicados do que comunicação.

Vivemos na era da pós-verdade, caracterizada pela crença nas informações recebidas sem verificação se é ou não verdade. É resultado da onda de Fake News, notícias falsas, utilizadas como meios para destruir a reputação de pessoas, de fazer luta política guiada apenas pela lógica do inimigo.

Essa onda de Fake News tem atingido também a obra de Paulo Freire.

Mas, o questionamento feito a ele vai além de notícias falsas. Existe um propósito, um projeto por trás dessa tentativa de desconstrução. Ele foi e está sendo questionado, perseguido, expurgado, pelo que ele defendeu e não simplesmente por essas notícias falsas.

E o que ele defendeu?

Defendeu entre outras lutas, a construção da escola democrática. Portanto, não se trata apenas de atacar Paulo Freire. Trata-se de um ataque à escola democrática.

Trata-se, então, de desconstruir Paulo Freire para desconstruir a escola democrática, para substituir relações dialógicas, democráticas e ações educativas libertadoras por relações de mando e subordinação.

Numa escola democrática, plural, pontos de vista diferentes são bem-vindos. É assim que se constrói a ciência, o conhecimento.

Precisamos entender por que isso está acontecendo. É esse nosso papel, como educadores: esclarecer, argumentar, conscientizar. Por isso, minha aposta, frente à pós-verdade, frente às Fake News, como educador, é a via do diálogo, do entendimento, do esclarecimento, enfim, do amor e não do ódio, da intolerância, da lógica da guerra.

No início do século passado H. G. Wells dizia que “a história da humanidade é cada vez mais a disputa de uma corrida entre a educação e a catástrofe”. A julgar pelas duas grandes guerras que marcaram a “História da Humanidade” na primeira metade do Século 20, a catástrofe venceu.

No início dos anos 50 dizia-se que só havia uma alternativa: “socialismo ou barbárie” (Cornelius Castoriadis). E chegamos ao final do século com a derrocada do socialismo burocrático de tipo soviético, de enfraquecimento da ética socialista e da ascensão do neoliberalismo.

E hoje? Venceu a barbárie, de novo? Qual o papel da educação neste novo contexto político e social? Que perspectivas podemos apontar para a educação nesse início do Terceiro Milênio? Para onde vamos?

Na década de 1970, Olivier Reboul, em seu livro *La philosophie de l'éducation*, afirma que “se a crise da educação é a mesma crise de toda a civilização, é também uma das grandes responsáveis por esta crise e é por meio dela que deve chegar a solução” (Reboul, 1971: 98). A escola não é uma ilha dentro de uma sociedade. A resistência deve vir também da escola, da educação, da universidade.

Nos últimos anos recrudescer a disputa entre uma educação humanista e uma educação mercantilista. Uma educação cuja referência é a cidadania, a formação do povo soberano, e outra educação, cuja referência é o mercado. A mercantilização é um conceito, uma concepção da educação que reduz tudo à mercadoria, às exigências do mercado.

O Brasil passa por um momento crucial de sua história. Ele se apequenou diante do mundo. Os olhos do mundo estavam voltados para o Brasil como uma grande esperança de superação da onda neoliberal. A partir do Brasil, parecia que um outro mundo era possível. Aqui nasceu o Fórum Social Mundial. O Brasil era visto como uma esperança para o resto do mundo e agora é visto como o país do retrocesso político e social.

O alvo da campanha contra Paulo Freire não é só ele: o alvo é o direito à educação pública. Esse movimento de “desconstrução” de Paulo Freire é a expressão da falta de espírito crítico e de reflexão que permeia escola e sociedade, apontada, há décadas pelos educadores. Na falta de argumentação, o que se observa é a ofensa, o preconceito, quando não o ódio, a discriminação e a intolerância.

Nossa tarefa, nesse contexto, é a busca da verdade. Que profissão mais bela do que esta que está a serviço da verdade! Nas palavras de Paulo Freire: “não há ensino-aprendizagem fora da procura, da boniteza e da alegria”. “Lutar pela alegria”, diz ele no prefácio que escreveu para ao livro *Alunos felizes* de Georges Snyders, “é lutar pela transformação do mundo”

Talvez a escola seja a instituição mais importante criada pela humanidade. A escola pode ser um lugar onde a humanidade pensa a si mesma, e constrói os melhores caminhos para prosseguir a caminhada, por mais justiça e mais felicidade para todos e todas.

Devemos reagir contra toda prepotência e arbitrariedade de falsas leituras da realidade que levam ao desencanto do cidadão com a política e a democracia e a perda da nossa própria humanidade, reafirmando nossos direitos fundamentais ameaçados e nossa tarefa de educar para transformar, de educar para e pela cidadania como educação em direitos humanos.

A escola não é apenas um lugar de aprendizagem escolarizada onde a vida real fica do lado de fora. É um lugar onde também se decide o futuro de uma geração que precisa pronunciar-se sobre o país que deseja construir e sobre a educação necessária para construir esse país. Um lugar de convivência democrática.

Aprende-se cidadania e democracia não com lições teóricas de cidadania e democracia. A cidadania e a democracia se aprende exercendo a cidadania e a democracia (desde a infância). A escola é um lugar onde outro país, onde outro mundo, pode estar sendo gestado.

As palavras que mais devemos cultivar na escola são: cuidado, diálogo, humildade, ternura, simplicidade. Elas deveriam estar escritas em todas as paredes de dos corredores de nossas escolas.

E muito cuidado com certas lógicas salvacionistas. Não existem soluções milagrosas. Pensamento único é igual a pensamento autoritário. Por isso devemos ficar atentos e atentas a múltiplos fatores, com humildade, sem a arrogância de quem é dono da verdade. Nos colocar a escuta sem preconceitos.

Quando achamos que já temos a resposta definitiva para nossos desafios educacionais, deixamos de nos perguntar e paramos de aprender.

No último número desta revista dediquei-me a escrever sobre o tema da *Educação em Direitos humanos* fazendo um contraponto ao ódio e à intolerância, focando a resistência democrática, nas ruas, nas escolas, nas redes. Neste número, dedicado ao tema *Educação, Democracia e Resistências*, vou centrar minhas reflexões respondendo a algumas perguntas que chegaram ao Instituto Paulo Freire sobre um processo em curso de (des)construção do legado de Paulo Freire. Ele foi e está sendo questionado, perseguido, expurgado, pelo que ele defende e não simplesmente por essas notícias falsas. Mas, as notícias falsas também fazem parte do projeto de desconstrução de Freire.

Dentre tantas perguntas que recebemos e que também aparecem em veículos de comunicação, gostaria de tratar daquele conjunto que indaga:

I - "Paulo Freire é um doutrinador?"

II - Paulo Freire é marxista?"

III - Paulo Freire é comunista?"

IV - "Que contribuições Paulo Freire trouxe às ideias pedagógicas para ser tão comentado no exterior?"

V - O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?"

1. Sabemos que muitas críticas feitas a Paulo Freire têm se caracterizado por um profundo desconhecimento de suas ideias.

Mas, há críticas que não são fruto da incompreensão da sua obra. São, na verdade, notícias falsas, afirmações equivocadas, não apresentando evidências e dados que fundamentem suas ideias. Esses posicionamentos distorcem e manipulam a opinião pública. Atribuem a Paulo Freire ideias e uma forma de educar que ele jamais defendeu.

Os ataques a Paulo Freire não são de agora. Ele é uma das pessoas exiladas na época do golpe e da ditadura iniciada em 31 de março de 1964. Sua resposta aos ataques sempre foi um convite ao diálogo, à problematização das ideias, ao enfrentamento dos conflitos de forma democrática.

Paulo Freire foi exilado por defender a educação com prática da liberdade, de transformação e o direito de as pessoas viverem num país mais justo, sem privilégios de classe, sem excluídos, sem opressores e sem oprimidos.

Esta foi a razão principal para seu exílio.

2. Sobre Paulo Freire ser ou não um doutrinador (primeira pergunta).

A práxis de Freire é entendida como ação transformadora, que contesta veementemente todo tipo de doutrinação e de alienação, deixando claro que “educação é um ato político”, que se sustenta no diálogo, na problematização, na esperança, na autonomia e, por conseguinte, na emancipação humana.

Ele valorizava muito o saber científico, a reflexão séria, o diálogo entre iguais e diferentes. Defendia o diálogo de saberes: o saber científico, o saber sensível, o saber técnico, tecnológico, o saber popular, sem discriminação, respeitando e valorizando a diversidade e os direitos humanos.

Paulo Freire, em toda sua trajetória, nunca ignorou as críticas. Ele coloca sua prática pedagógica em constante objeto de reflexão. Em *Pedagogia da esperança*, por exemplo, faz uma releitura da *Pedagogia do oprimido*, avaliando sua trajetória como educador, a evolução da sua práxis, respondendo a críticas recebidas e reconhecendo alguns limites de suas ideias iniciais, sem negar suas premissas básicas.

Frente à violência, ao silenciamento, defendeu o direito à liberdade de expressão, ao pensamento crítico.

3. A educação sempre foi isso: um território em disputa, um espaço de problematização do presente e de construção do futuro. Por isso, muitas educações são possíveis, frutos de múltiplas determinações.

É uma disputa de concepção que deve dar-se no campo das ideias, da argumentação, da reflexão crítica.

Uma das virtudes essenciais do educador, da educadora deve ser a humildade se contrapondo ao discurso arrogante. Nunca devemos nos sentir como donos da verdade.

Toda vez que somos arrogantes vamos pagar um preço alto por isso.

Precisamos estar atentos ao essencial, com espírito crítico e reflexivo. Precisamos

estar abertos, à escuta de vozes divergentes, sem medo de assumir nossas fraquezas e nem de se arriscar na aceitação do que nos afugenta.

Existem, na educação, posições extremadas, não são saudáveis. A simplicidade é a mãe de todas as virtudes educacionais. A prática dedicada e a reflexão crítica sobre a prática, obtém melhores resultados.

4. A escola pode tanto empoderar, fortalecer a voz, quanto pode silenciar vozes. O movimento da Escola sem partido que se opõe à pedagogia freiriana, é uma tentativa de silenciamento de todas as vozes, de amordaçar docentes, com ameaças (como já vem ocorrendo), criminalizando a docência (delação do trabalho do professor pelo aluno chamado de “audiência cativa”).

O STF e o Congresso Nacional já se manifestaram contra essa tentativa de suprimir um direito do professor, da professora, que lhe é garantido pela CF de 88 (Art. 205 e 206: “pleno desenvolvimento da pessoa”) e pela LDB (Art. 2º e 3º: “liberdade de ensino”).

A Escola sem partido quer colocar o aparato escolar em favor de uma ideologia. É a burocracia a serviço da ideologia. Nesse caso, a escola deixa de ser um espaço plural para servir a um único senhor, a uma ideologia oficial dos donos do poder.

Isso só se viu na trágica e fracassa experiência do nazismo.

Pensávamos que esses tempos já tinham ficado para trás. Infelizmente eles voltaram. A escola vista como um aparato de violência simbólica contra si mesma, espalhando medo e insegurança. O efeito dessa política sobre as nossas juventudes será dramático, inibindo a participação democrática e o diálogo político nas escolas.

Esse movimento, da Escola Sem Partido, é claramente partidário e doutrinador orientado por uma visão autoritária para a construção de uma sociedade onde predominam relações de mando e subordinação e não relações livres e democráticas. Enfim, representa uma grande ameaça à democracia.

A escola não é o lugar onde só se aprendem conteúdos disciplinares, matérias, mas se ensina a pensar, a fazer escolhas, onde se aprender direitos e valores como a liberdade e a solidariedade, onde eles aprender a distinguir notícias falsas de notícias verdadeiras.

Uma sociedade que entende que os docentes são uma classe perigosa, onde se prega que eles andem armados e cuidem da segurança da escola, inverte totalmente os valores democráticos. Só o Estado deve cuidar da segurança de seus cidadãos e não armar cidadãos para que cuidem da sua segurança e das instituições onde trabalham.

Com o tempo, como presídios, vamos distinguir escolas comuns de escolas de segurança máxima.

É para onde caminha a cultura da militarização da sociedade e das escolas.

5. Incrível que em pleno século XXI tenhamos que nos apropriar de um *Manual de defesa contra a censura nas escolas*, como está sendo apresentado pelas entidades do magistério.

Este *Manual* foi elaborado como uma resposta às agressões dirigidas a professoras e professores. Uma resposta legítima e adequada às violações de direitos individuais

sofridas por docentes, estudantes e escolas e a afirmação de princípios éticos, políticos e jurídicos que são a verdadeira base da educação nacional: o pluralismo de concepções pedagógicas e o pleno desenvolvimento da pessoa, para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, como prevê a Constituição e a LDB.

Trata-se de um conjunto de estratégias e medidas específicas pensadas para se defender contra a censura e promover o debate sobre isso com a comunidade escolar. Neste contexto, é preciso ouvir as inquietações das famílias e dos estudantes.

Isso vale não só para as escolas, mas também para as universidades.

Ameaçar professores é uma covardia, um crime de lesa-pátria. Nada pode tolher nossa liberdade de expressão. A democracia é uma experiência tensa e todo conflito que por ventura existir, para ser formativo, deve ser mediado pelo diálogo entre a escola, os alunos comunidade e trabalhadores em educação, no interior da escola.

Aprender a conviver com as diferenças é um dos fins da educação.

6. Nesses tempos de Fake News, a pedagogia de Paulo Freire representa um ponto de equilíbrio, de sensatez, frente à irresponsabilidade e à irracionalidade.

Por que Paulo Freire?

Vejam.

Ele tem sido estudado e debatido com seriedade, por muitas universidades do mundo todo, universidades de prestígio como Harvard, nos Estados Unidos, onde ele lecionou em 1969, na Inglaterra, em Oxford. Ele está entre os 100 autores mais estudados na sua área em universidades de língua inglesa, na formação de professores.

Essas universidades não veem Paulo Freire como um doutrinador, ultrapassado, mas como um educador sério, respeitável pelas propostas que defende, enraizadas na sua práxis.

Paulo Freire inspirou e continua inspirando muitas escolas dos Estados Unidos e de outros países.

7. A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente. A sua pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o "Círculo de Cultura". Círculos epistemológicos, procedimentos metodológicos para a construção da leitura e da escrita na criança e nos adultos, para a formação intelectual, técnica e científica. Para a produção do conhecimento. Mais tarde Piaget iria desenvolver essas ideias em suas pesquisas sobre epistemologia genética.

Paulo Freire estava preocupado em como se constrói o conhecimento.

Muitas ideias de Paulo Freire já estão incorporadas na práxis educacional em todo mundo e muitos nem sabe que ele as desenvolveu. Isso nos mostra que Paulo Freire é um pensador global.

A pedagogia de Paulo Freire adquiriu um significado universal. Sua obra teórica tem servido como fundamento de trabalhos acadêmicos e inspirando práticas em diversas partes do mundo.

Sua influência abrange as mais diversas áreas do conhecimento.

Paulo Freire era um intelectual rigoroso, um estudioso incansável e amante exigente da verdade.

8. A filosofia de Freire é uma referência mundial para estudiosos da educação. Ela respeita o educando e fortalece o papel do educador.

Vejamos o que ele defende em seu livro mais conhecido: *Pedagogia do oprimido*. Por que essa obra repercutiu tanto no mundo?

Vivendo exilado, no Chile - entre 1964 e 1969 - Paulo Freire encontrou um ambiente político favorável ao desenvolvimento de suas ideias e práticas. Ele escreveu sua *Pedagogia do oprimido* no contexto dos fortes movimentos emancipatórios daquela década, movimentos de mulheres, estudantes, camponeses, trabalhadores, negros, movimentos sociais e populares, movimentos de contra-cultura (*hippies*), a presença da Guerra Fria. Isso também explica sua grande aceitação. Paulo Freire fez um discurso que atende a públicos muito diversos.

O livro ressoou nos mais diversos ambientes, seja na academia, seja na sociedade. Sindicatos, igrejas, movimentos sociais e populares foram responsáveis por uma grande difusão e debate de suas ideias.

Por tudo isso, acusar Paulo Freire de doutrinador é uma grande confissão de ignorância.

9. Paulo Freire é marxista? Paulo Freire era comunista?

Vou tentar responder a essas duas perguntas num só bloco.

A *Pedagogia do oprimido* é sua principal obra e uma referência permanente da educação no mundo. Para realizar essa tarefa Paulo Freire bebeu em muitas fontes. Em *Pedagogia do oprimido* ele cita muitos autores, tanto da fenomenologia, quanto do existencialismo e do marxismo. Ele propõe uma síntese teórica entre cristãos e marxistas.

Ele disse certa vez: "Minhas reuniões com Marx nunca me sugeriram que parasse de ter reuniões com Cristo".

Ele fala em reuniões com Marx, com tanta intimidade, que parece que ele tomava cafezinho com ele. E tomava cafezinho com muita gente pois ele plural. O pluralismo não se confunde com o eclétismo. Eclético é quem mistura um pouco de cada coisa. Plural é aquele que tem uma posição, tem firmeza ideológica, e dialoga com todas as outras posições.

10. *Pedagogia do oprimido* nasceu nas lutas utópicas dos anos 60 que até hoje não se realizaram na prática. Parece que os anos 60 ainda não terminaram. Neste livro ele defende uma tese original: a superação da situação de oprimido não pode dar-se se o oprimido assumir a posição de opressor. A superação da contradição oprimido-opressor não implica em que os oprimidos se tornem opressores, mas a supressão da condição de opressão.

Paulo Freire disse, certa vez, que não leu Marx para, depois, trabalhar com os oprimidos. Disse que a leitura da realidade dos oprimidos o levou a ler Marx para entender melhor essa realidade.

Em Marx ele encontrou certas categorias básicas e explicativas da exploração do trabalho e da situação em que viviam as classes mais empobrecidas.

Em Marx ele encontrou o *conceito de alienação*, e de “autodeterminação”.

E, certamente, estes conceitos têm a ver com a existência de opressores e oprimidos.

Ele explora esses conceitos em sua *Pedagogia do oprimido*. E o marxismo defende, sim, a superação da injustiça social, da luta de classes, da alienação – ideias também defendidas por Freire.

Minha tese sobre esse assunto é que Paulo Freire reinventou Marx inserindo a categoria “subjetividade”. O fracasso do socialismo autoritário deveu-se justamente ao fato de não respeitar a liberdade individual, o direito de cada um dizer a sua palavra e construir a sua própria história.

11. *Pedagogia do oprimido* é a manifestação de algo muito maior - por isso PF, na introdução ao livro nos diz que PO é apenas uma “introdução à pedagogia do oprimido” e não “toda” a pedagogia do oprimido. A pedagogia do oprimido é um projeto de libertação maior do que a escrita de um livro. Ela precisa ser desdobrada, realização, “corporificada” na expressão de Paulo, assumida.

Uma pedagogia a ser completada por outras pedagogias - *Pedagogia do oprimido* é um livro exigente e radical. Ele nos estimula e desafia ao diálogo e, ao mesmo tempo à insurgência. É um livro de apoio à resistência e à luta. O desafio que ele nos apresenta está na sua ideia central de arrancar o opressor de nossas entranhas por meio de um processo de conscientização que liberta a ambos: oprimidos e opressores.

É uma “introdução à pedagogia do oprimido” e não toda a pedagogia do oprimido. Como uma pedagogia da insurgência, os movimentos de resistência e luta, de insurgência vão criando outras pedagogias possíveis como ele mesmo fez: pedagogia da esperança, pedagogia da pergunta, pedagogia da autonomia etc.

Paulo Freire estava escrevendo outro capítulo da *Pedagogia do oprimido*: uma *Pedagogia da Terra* (Gadotti, 2001) como grande oprimida, uma ecopedagogia, depois de ter falado sobre esse assunto, em 1993, com Francisco Gutiérrez que lhe entregou seu livro *Ecopedagogia e cidadania planetária* (Gutiérrez & Prado, 1999).

12. Não se faz uma longa caminhada sem beber em muitas fontes. Da mesma forma, não se vai longe se o futuro não for compreendido como um mundo de novas possibilidades.

Nos livros de sua biblioteca, são inúmeras as obras lidas que contêm anotações de Paulo Freire. Ele ia sublinhando o texto lido e registrando perguntas, reflexões, associações com outros pensamentos. Há papezinhos entre as páginas impressas documentando o diálogo que ele ia construindo com os textos lidos. Também ocupava páginas iniciais e finais das publicações, tecendo seus próprios comentários, atuando como leitor crítico e propositivo dos autores e seus escritos.

Um mosaico de pensadores influenciou Paulo Freire como demonstra este livro: Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica. Difícil enquadrá-lo numa determinada

corrente ou matriz filosófica. Mas isso não significa que Paulo Freire fosse eclético. Ele tinha pontos de vista muito firmes e, a partir deles, dialogava com outros pontos de vista, demonstrando ser um pensador plural, nem eclético, nem sectário.

13. Entre as primeiras influências de seu pensamento, nos anos 1950 e 1960, encontramos os intelectuais reunidos no Instituto de Estudos Brasileiros (ISEB), entre eles Anísio Teixeira e Álvaro Vieira Pinto, que se inspiravam em filósofos e sociólogos europeus, como Karl Mannheim, Karl Jaspers e Gabriel Marcel. Nesse período, foi fortemente influenciado por pensadores católicos, como Jacques Maritain e Emmanuel Mounier, interpretados por brasileiros como Alceu de Amoroso Lima e Herbert José de Souza.

O jovem Freire foi um leitor voraz. Entre os autores estrangeiros, ele cita Durkeim, e Rousseau. Entre os autores nacionais, constantes do rol de Freire, ela cita, entre outros: Antonio Candido, Florestan Fernandes, Euclides da Cunha, Fernando de Azevedo, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes.

Em seus primeiros escritos, principalmente no seu primeiro livro, *Educação e atualidade brasileira* de 1959, ele cita alguns desses pensadores humanistas ao lado de outros autores - como Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré, entre outros - e faz referência ao educador americano John Dewey, particularmente seu livro *Democracia e educação*.

14. Seu pensamento não foi só influenciado por autores e autoras, mas, também, pela análise crítica de sua própria prática, pelas observações em diferentes processos de intervenção e interação nos quais se envolveu e pelos projetos e instituições das quais participou, entre elas o ICIRA (Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária), o IDAC (Instituto de Ação Cultural), o VEREDA (Centro de Estudos em Educação), o CEAAL (Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe), a FWP (Fundação Wilson Pinheiro), o INCA (Instituto Cajamar) e o IPF (Instituto Paulo Freire).

Embora não se possa falar com muita propriedade de fases do pensamento freiriano, pode-se, pelo menos, dizer que a influência do marxismo deu-se depois da influência humanista cristã. São momentos distintos, mas não contraditórios. Como afirma o filósofo alemão Woldietrich Schmied-Kowarzik (1983) em seu livro *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*, Paulo Freire combina temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialógico-dialética.

A afirmação da utopia (Bloch, 1991) como práxis docente e discente lembra o paradigma humanista, cristão e socialista.

Ele fez uma releitura crítica do marxismo e do socialismo.

O que há de original em Freire, com relação ao marxismo, é que ele afirma a subjetividade como condição da transformação social. Daí o papel da educação como conscientização. Ele afirma o papel do sujeito na história e a história como possibilidade, na sua práxis consciente e organizada.

Em 1989 caiu o Muro de Berlim. Naqueles, Paulo Freire era Secretário de Educação de São Paulo. Eu era seu chefe de gabinete e, às vezes, almoçava com ele. A Folha

de São Paulo ligou para ele na casa dele e Paulo atendeu. Perguntaram: Paulo, está vendo a festa que os berlinenses estão fazendo com a queda do socialismo? O socialismo acabou?

Paulo responde: eu também estou celebrando. Mas não foi o socialismo que acabou. O que acabou foi um certo socialismo, um socialismo autoritário. Temos que celebrar o fim do socialismo autoritário. O que nós defendemos é o socialismo com liberdade. Temos que celebrar a queda do muro de Berlim.

Por isso celebramos a queda do Muro de Berlim.

Diante de tantas e complexas influências, ele realiza uma síntese intelectual superadora, criativa e original, oriunda dessas diferentes correntes filosóficas, a partir de uma visão e de uma práxis radicalmente transformadora e emancipadora da sociedade.

15. Quarta pergunta: “Que contribuições Paulo Freire trouxe às ideias pedagógicas para ser tão comentado no exterior?”

O educador norte-americano Henry Giroux (1996) classificou Paulo Freire como um “cruzador de fronteiras”. De fato, ele atravessou as fronteiras das ciências e das artes, das profissões e das culturas, dialogando com operários e camponeses e, ao mesmo tempo, com acadêmicos de universidades, em muitas partes do mundo. Seu pensamento encontrou solo fértil em muitos terrenos: na medicina, na física, na matemática, na sociologia, nas ciências sociais, humanas e naturais.

Ele confessou, certa vez, que se considerava um “menino conectivo”. Esta era mais do que uma característica pessoal. Era uma categoria epistemológica de sua obra. Acho que isso é muito atual. Nos dias que vivemos, de posições extremadas e fundamentalistas, precisamos aprender a pensar, a refletir criticamente, a ouvir o diferente, e, por isso, ainda mais visitar Freire e reinventá-lo, como ele queria, como uma grande referência de um mundo justo, mais produtivo e sustentável.

16. Quinta pergunta: “O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?”

Alguns certamente gostariam de deixar seus livros nas prateleiras, no passado, para trás, na história das ideias pedagógicas; outros gostariam de esquecê-lo, por causa das opções políticas assumidas por Freire. Certamente, sua obra não agrada a todos. Em certos lugares, até hoje, ele é interditado. Mas para os que desejam conhecer e viver uma pedagogia de inspiração humanista, esta é uma obra imprescindível.

A força do seu pensamento não está só na sua teoria do conhecimento, mas em apontar uma direção, mostrar que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas.

Paulo Freire não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas, pessoalmente ou por meio de seus escritos, a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado nos deixou a utopia.

17. “Vivemos tempos tenebrosos” (Ministro Ricardo Lewandowski). Em tempos obscuros como o que estamos vivendo, precisamos de referenciais como os de Paulo Freire, para nos ajudar a encontrar o melhor caminho, de resistência e luta, nessa travessia.

Diante de tudo isso, o que o governo federal nos propõe?

Privatização da gestão contra a gestão democrática, participativa, formativa.

Militarização - gestores contratados e disciplina imposta. Pedagogia do silenciamento. Pedagogia da mordaza. Escutar é renunciar à sua posição de poder.

Mercantilização - mercado como referência.

Para o povo, escolas militarizadas para formar o povo sujeitado, ensinando à criança a obedecer, sob a lógica policial militar, para as elites escolas livres e autônomas para formar os dirigentes. Uns são formados para servir ao mercado e outros para serem cidadãos governantes. Não querem o povo soberano.

Essas políticas estão deixando muitos professores doentes pois não conseguem ligar com esse contexto de agressividade, de silenciamento, de ameaças constantes e de automutilamento.

18. Freire é uma das principais referências do pensamento crítico mundial, visto de forma plural e não sectária. Uma de suas principais expressões é a prática pedagógica emancipadora, popular, descolonizadora, que se estende para além da escola, da universidade, e alcança movimentos sociais e populares e outras instituições e organizações, como igrejas, meios de comunicação, expressões artísticas e culturais, etc.

O que se quer é impedir a escola de exercer sua função precípua de formação para e pela cidadania, tendo como princípio a laicidade, a gratuidade, a gestão democrática e a qualidade socialmente referenciada, bem como amordazar os docentes, pondo fim à liberdade de cátedra e de ensino, impondo um pensamento único e unificador.

Paulo Freire sempre defendeu a liberdade de pensamento, a autonomia do sujeito, a democracia e o respeito às diversidades.

Mas uma coisa é certa: os que apostaram no “expurgo” de Paulo Freire deram um tiro no pé. A editora afirmou que no primeiro semestre deste ano vendeu 66% a mais dos livros dele. Mais de uma dezena de novos livros sobre eles foram lançados neste período, no Brasil e no exterior. Paulo Freire está sendo mais lido agora do que nunca.

19. O que está acontecendo com a escola hoje?

Depois do massacre de Susano (SP) e de outros, como o de Realengo (RJ) diante de cotidianos escolares muito tensos, com violências, precisamos refletir melhor.

Talvez o massacre de Susano possa nos ensinar algumas lições em relação ao tempo que vivemos.

Será que estamos prestando atenção às relações sociais e humanas na escola? Que cuidado temos com essas relações? Prestamos atenção às micro violências que aí acontecem?

Um ambiente saudável, de confiança mútua, de “amorosidade”, como dizia Freire, favorece a aprendizagem. As crianças sentem que a escola é delas? Amam a sua escola? Ou predomina a competição, a lógica da guerra, onde o outro é considerado não só como concorrente, mas como inimigo?

A vida não é algo para ser vencer ou fracassar. Essa não é a finalidade da vida. A vida é para ser feliz juntos com outros que também gostaríamos de ver felizes.

Precisamos investir em princípios de convivência escolar, construídos coletivamente e coletivamente aceitos, não impostos por regulamentos que não prestam para nada.

As escolas precisam aprender a exercitar o diálogo, ouvir mais os jovens.

A segurança vem do coração dos jovens e não das armas que carregam para se defender. Nosso porte não deve ser de armas, mas porte de livros.

20. Gostaria de terminar esse encontro no qual me senti muito feliz falando um pouco de uma pedagogia que devemos exercitar, sobretudo neste momento. Pedagogia da escuta.

Estudantes aprendem e pensar por si sós se forem ouvidos e houver devolutiva da escuta atenta, dar retorno, individual e coletivo. Aprendemos a falar com crianças escutando crianças e nos colocando à altura delas.

Precisamos escutar a criança que existe dentro de nós.

Ao falar o aluno desenvolve a sua inteligência e vai elaborando seu próprio pensamento. Somos feitos pelas palavras que a gente ouve ou lê. A educação começa com o ato de escutar. Interagindo com o ambiente.

Nossos cursos de pedagogia não preparam os professores para a escuta, para o diálogo, ou muito pouco. A escuta não faz parte do currículo e gera sofrimento e desesperança em quem não é escutado.

Não dá para saber o que é ensinar sem entender o que é aprender.

Escutar para descolonizar. Não desvalorizar a fala autoral do professor. Ele pode mudar a vida dos seus alunos.

Escuta é relação, interlocução, contato, comunicação, diálogo.

21. Alguém poderia nos objetar, com razão, que tudo isso é muito utópico.

Eu responderia que as propostas dos grandes pedagogos sempre foram utópicas. A educação é essencialmente um exercício de otimismo. Ela busca explorar os limites das possibilidades reais de transformação.

É verdade: somos utópicos. Nos posicionamos frente a uma nova responsabilidade: a de nos tornarmos críticos da cultura e da civilização atual.

Nossa maior ferramenta na construção dessa escola dos nossos sonhos é a esperança. Não se trata de uma esperança de quem espera acontecer.

Ao contrário, a esperança para o professor, para a professora, encontra sentido na sua própria profissão, a de transformar pessoas, dar nova forma às pessoas, e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam construir uma realidade diferente, melhor.

Por que não abrimos mãos de sonhar, de buscar sermos melhores, mais felizes, mais realizados numa profissão que é cada vez mais exigente. Uma profissão que exige de nós, sobretudo no contexto atual, cada vez mais, maior lucidez e força.

Não abrimos mão de nosso dever de deixar esse mundo um pouco melhor do que o encontramos.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Ernst. *Le principe espérance*. Paris, Gallimard, 1991.
- FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo. Prefácio. In: SNYDERS, Georges. *Alunos Felizes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- GADOTTI, Moacir. *A escola dos meus sonhos*. São Paulo: IPF, 2019.
- GIROUX, Henry A. "Um livro para os que cruzam fronteiras". In: GADOTTI, Moacir, org. 1996. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996, pp. 569-570.
- GUTIÉRREZ, Francisco & Cruz Prado. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez/IPF, 1999.
- MORIN, Edgar. *Ensinar a Viver: Manifesto para Mudar a Educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- REBOUL, Olivier. *La philosophie de l'éducation*. Paris: FUF, 1971.
- SAUL, A. M. Escutar. In: STRECK, D; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 159-161.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SNYDERS, Georges. *Alunos Felizes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Moacir Gadotti é fundador e atual Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire; doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (1977) e professor Titular aposentado da Universidade de São Paulo. É autor de uma extensa obra, incluindo *Pedagogia da Terra* (2001), *Os mestres de Rousseau* e *Educar para a sustentabilidade*, onde desenvolve uma proposta educacional cujos eixos são a formação crítica do educador e a construção da Educação Cidadã numa perspectiva dialética integradora e orientada pelo paradigma da sustentabilidade.